



SÍNTSE DE NOTÍCIAS N° 0160/2025

**EMBAIXADA DA REPÚBLICA DE ANGOLA NO REINO DA ARÁBIA SAUDITA
RIADE, 16/06/2025**

Príncipe herdeiro saudita e Primeiro-ministro grego discutem tensões Irão-Israel em telefonema



O Príncipe herdeiro saudita Mohammed bin Salman conversa por telefone com o Primeiro-ministro grego Kyriakos Mitsotakis.

O Príncipe herdeiro saudita Mohammed bin Salman conversou ontem por telefone com o Primeiro-ministro grego, Kyriakos Mitsotakis, para discutir a escalada da situação entre Israel e Irão.

Os dois líderes revisaram os últimos desenvolvimentos na região, com foco particular nas repercussões das operações militares israelenses contra o Irão. Eles enfatizaram a necessidade de contenção e desescalada e sublinharam a importância de resolver disputas por meios diplomáticos. O telefonema ocorre em meio a tensões elevadas após uma série de ataques entre os dois países. **Fonte-Reuters.**

[Enviado saudita lidera negociações de segurança marítima em Londres](#)



O representante permanente do Reino da Arábia Saudita na Organização Marítima Internacional recentemente fez história ao presidir a 51ª reunião do comitê consultivo da Organização Internacional de Satélites Móveis em Londres.

O representante permanente da Arábia Saudita na Organização Marítima Internacional recentemente fez história ao presidir as 51ª reunião do comitê consultivo da Organização Internacional de Satélites Móveis em Londres.

Kamal Al-Junaidi é o primeiro árabe a presidir o comitê, criando um marco para o Reino e o mundo árabe na governança marítima. Seu papel também reflecte a crescente presença do Reino da Arábia Saudita em organizações marítimas internacionais e o compromisso com o avanço dos sistemas de comunicação e segurança marítima.

Al-Junaidi gerenciou as sessões e actuou como um facilitador neutro, ajudando os Estados-membros a chegar a um consenso sobre questões-chave, incluindo a supervisão do Sistema Global de Socorro e Segurança Marítima, implementação de padrões de Rastreamento e Segurança de Longo Alcance e revisões de auditoria para provedores de comunicação por satélite.

Ele também liderou discussões sobre as propostas de emendas ao regulamento de segurança marítima, monitorou a direcção estratégica da organização para garantir o alinhamento com os padrões da IMO e apresentou as recomendações do comitê à Assembleia Geral. A 51ª sessão ocorreu na sede da IMO em Londres, com representantes de 44 países envolvidos em discussões aprofundadas sobre os principais desafios marítimos. **Fonte-Arab News.**

Batalha entre Israel e Irão continua no quarto dia com mais mortes de civis em ambos os lados



Fumaça sobe de um local na cidade de Haifa em 16 de junho de 2025, após uma nova barragem de mísseis iranianos.

O Irão disparou uma nova onda de ataques com mísseis contra Israel na manhã desta segunda-feira, provocando sirenes de ataque aéreo em todo o país, enquanto os serviços de emergência relataram pelo menos cinco mortos e dezenas de feridos no quarto dia de guerra aberta entre os inimigos regionais que não mostraram sinais de desaceleração.

O Irão anunciou que lançou cerca de 100 mísseis e prometeu mais retaliação pelos ataques abrangentes de Israel à sua infraestrutura militar e nuclear, que mataram pelo menos 224 pessoas no país desde a última sexta-feira. Os ataques elevaram o número total de mortos em Israel para pelo menos 18 e, em resposta, os militares israelenses disseram que caças atingiram 10 centros de comando em Teerão pertencentes à Força Quds do Irão, um braço de elite de sua Guarda Revolucionária que conduz operações militares e de inteligência fora do Irão.

Explosões poderosas, provavelmente dos sistemas de defesa de Israel interceptando mísseis iranianos, abalaram Tel Aviv pouco antes do amanhecer de hoje, segunda-feira, enviando nuvens de fumaça preta para o céu sobre a cidade costeira.

Autoridades da cidade israelense de Petah Tikva disseram que mísseis iranianos atingiram um prédio residencial lá, carbonizando paredes de concreto, quebrando janelas e arrancando as paredes de vários apartamentos. O serviço de emergência israelense Magen David Adom informou que duas mulheres e dois homens - todos na casa dos 70 anos - foram mortos na onda de ataques com mísseis que atingiu quatro locais no centro de Israel.

"Vemos claramente que nossos civis estão sendo alvejados", disse o porta-voz da polícia israelense Dean Elsdunne do lado de fora do prédio bombardeado em Petah Tikva. "E esta é apenas uma cena, temos outros locais como este perto da costa, no sul." O MDA acrescentou que os paramédicos evacuaram outras 87 pessoas feridas para hospitais, incluindo uma mulher de 30 anos em estado grave, enquanto as equipes de resgate ainda procuravam moradores presos sob os escombros de suas casas.

Irão diz ao Qatar e ao Sultanato de Omã que não negociará cessar-fogo com os EUA enquanto estiver sob ataque israelense,

O Irão disse aos mediadores do Qatar e Omã que não está aberto a negociar um cessar-fogo com os EUA enquanto estiver sob ataque israelense, disse ontem uma autoridade informada sobre as comunicações à Reuters. Os militares israelenses, que lançaram os ataques na passada sexta-feira com o objectivo declarado de acabar com os programas nuclear e de mísseis balísticos do Irão, alertaram os iranianos que vivem perto de instalações de armas para evacuarem. **Fonte-Reuters.**

[**Ex-primeiro-ministro israelense Ehud Barak: apenas uma guerra em grande escala ou um novo acordo pode parar o programa nuclear do Irão**](#)



Israel e Irão trocaram tiros depois que Israel desencadeou uma campanha de bombardeio aéreo sem precedentes que, segundo o Irão, atingiu suas instalações nucleares, "martirizou" os principais comandantes e matou dezenas de civis.

O ex-primeiro-ministro israelense Ehud Barak alertou que uma acção militar de Israel por si só não será suficiente para atrasar significativamente as ambições nucleares do Irão, descrevendo a República islâmica como uma "potência nuclear limiar". Falando a Christiane Amanpour, da CNN, Barak disse que a capacidade de Israel de conter o programa de Teerão era limitada. "Na minha opinião, não é segredo que Israel sozinho não pode atrasar o programa nuclear do Irão por um

período de tempo significativo. Provavelmente várias semanas, provavelmente um mês, mas mesmo os EUA não podem atrasá-los por mais do que alguns meses", disse ele. "Isso não significa que imediatamente eles terão (uma arma nuclear), provavelmente eles ainda terão que completar certo armamento, ou provavelmente criar um dispositivo nuclear bruto para explodi-lo em algum lugar no deserto para mostrar ao mundo inteiro onde eles estão."

Barak disse que, embora os ataques militares sejam "problemáticos", Israel viu a ação como justificada. "Em vez de ficar ocioso, Israel sente que precisa fazer alguma coisa. Provavelmente, junto com os americanos, podemos fazer mais."

O ex-primeiro-ministro disse que interromper o progresso do Irão exigiria um grande avanço diplomático ou uma mudança de regime. "Meu julgamento é que, como o Irão já é o que é chamado de potência nuclear limiar, a única maneira de bloqueá-lo é impor a ele um novo acordo convincente ou, alternativamente, uma guerra em grande escala para derrubar o regime". Mas ele disse ainda que não acredita que Washington tenha apetite por tal movimento. "Não acredito que nenhum presidente americano, nem Trump ou qualquer um de seus antecessores, teria decidido fazer isso." **Fonte-Reuters.**

[**Ministro das Relações Exteriores do Qatar discute ataques Irão-Israel em ligações com colegas dos Emirados Árabes Unidos e Reino Unido**](#)



O ministro das Relações Exteriores do Qatar, Sheikh Mohammed bin Abdulrahman bin Jassim Al-Thani.

O Xeque Mohammed bin Abdulrahman bin Jassim Al-Thani, ministro das Relações Exteriores do Qatar, conversou ontem com seus colegas dos Emirados Árabes Unidos e do Reino Unido em ligações separadas para abordar a escalada das hostilidades entre Israel e Irão.

O Xeque Mohammed e seu homólogo dos Emirados Árabes Unidos, Xeque Abdullah bin Zayed Al-Nahyan, discutiram o ataque israelense ao Irão, que

começou na manhã da passada sexta-feira. O ministro das Relações Exteriores do Qatar reiterou a condenação de Doha ao ataque israelense, que viola a soberania e a segurança do Irão e é uma clara violação dos princípios do direito internacional.

O Xeque Mohammed teve ontem uma conversa separada com o ministro das Relações Exteriores do Reino Unido, David Lammy. Durante esta ligação, ele disse que as violações e ataques israelenses em andamento na região estão minando os esforços de paz e podem levar a um conflito regional mais amplo. Ele enfatizou a necessidade de esforços diplomáticos, dizendo que o Qatar está colaborando com parceiros para promover o diálogo e aumentar a segurança e a paz na região e no mundo. **Fonte-Reuters.**

Presidente turco discute ataques entre Israel e Irão com Sultão de Omã e Emir do Kuwait



O Sultão de Omã, Haitham bin Tariq, o Presidente turco, Recep Tayyip Erdogan, e o Emir do Kuwait, Xeque Meshal Al-Ahmad Al-Jaber Al-Sabah.

O Presidente turco, Recep Tayyip Erdogan, discutiu ontem os desenvolvimentos no Médio Oriente durante telefonemas separados com o Sultão de Omã, Haitham bin Tariq, e o Emir do Kuwait, Xeque Meshal Al-Ahmad Al-Jaber Al-Sabah.

Erdogan discutiu com o Sultão de Omã os ataques israelenses contra o Irão, que começaram na manhã da passada sexta-feira, e suas "repercussões preocupantes" para a região. As partes enfatizaram a importância do diálogo e da diplomacia e o retorno à mesa de negociações para resolver conflitos e evitar a escalada de crises na região. A Agência de Notícias de Omã informou que eles trocaram opiniões sobre a manutenção da segurança e estabilidade de acordo com o direito internacional.

Erdogan e o Emir do Kuwait, Sheikh Meshal, também discutiram os rápidos desenvolvimentos no Médio Oriente e o conflito entre "a amigável República Islâmica do Irão e a brutal entidade israelense". Além disso, ambos os líderes

renovaram sua condenação aos ataques israelenses em andamento na Faixa de Gaza, onde pelo menos 54.000 palestinos foram mortos desde o final de 2023. Eles enfatizaram a importância de diminuir as tensões, interromper a agressão e resolver as diferenças por meios diplomáticos na região. **Agência de Notícias de Omã.**

Capacidade nuclear descontrolada de Israel terá 'consequências catastróficas', alerta Paquistão ao Ocidente



Fumaça sobe de um local na cidade de Haifa em 16 de junho de 2025, após uma nova barragem de mísseis iranianos.

O ministro da Defesa do Paquistão, Khawaja M. Asif, alertou ontem os governos ocidentais que seu apoio a Israel corre o risco de desencadear "consequências catastróficas", citando preocupações com as capacidades nucleares de Israel e a agressão regional.

As tensões aumentaram no Médio Oriente após a ofensiva aérea de Israel em 13 de junho, "Operação Leão Crescente", visando instalações nucleares e militares iranianas, matando mais de 130 pessoas, incluindo comandantes militares seniores e cientistas nucleares. O Irão retaliou com barragens de mísseis e drones em cidades israelenses, provocando preocupações de um conflito mais amplo.

Acredita-se que Israel possua armas nucleares, mas mantém uma política de ambiguidade e não é parte do Tratado de Não-Proliferação Nuclear (TNP). O acordo de 1970 visa prevenir a disseminação de armas nucleares, promover o desarmamento e garantir o uso pacífico da tecnologia nuclear. O Paquistão também não é signatário do TNP, mas frequentemente ressalta seu compromisso com os princípios de segurança nuclear e não proliferação por meio de outras estruturas internacionais.

Analistas alertam que, na actual situação volátil, as armas nucleares não reconhecidas de Israel podem encorajá-lo a tomar medidas mais agressivas, aumentando o risco de que o conflito se espalhe pela região ou até mesmo

desencadeie uma crise internacional mais ampla. "O mundo deve ser cauteloso e apreensivo sobre as proezas nucleares de Israel, um país que não está vinculado a nenhuma disciplina nuclear internacional", disse Asif em um post na plataforma social X. "Não é signatário do TNP ou de qualquer outro acordo vinculativo." O ministro contrastou a posição de Israel com a do Paquistão, afirmando que Islamabad era signatária de "todas as disciplinas nucleares internacionais" e mantinha um programa nuclear exclusivamente para "o benefício de nosso povo e a defesa de nosso país contra projectos hostis".

"Não buscamos políticas hegemônicas contra nossos vizinhos", acrescentou Asif, acusando Israel de fazer exactamente isso por meio de suas acções militares. "O mundo ocidental deve se preocupar com os conflitos gerados por Israel. Ele vai engolir toda a região e além. Seu patrocínio a Israel, um estado pária, pode ter consequências catastróficas. Os comentários do ministro paquistanês ocorrem em meio à crescente preocupação internacional com o custo humanitário das operações militares em andamento de Israel em Gaza, bem como temores de que o conflito possa se expandir regionalmente após as tensões com o Irão e o Hezbollah. **Fonte-Reuters.**

Domo de Ferro de Israel: o que é e como funciona?



Israel conta com uma elaborada ferramenta de defesa para proteger sua população de ameaças aéreas: o Domo de Ferro. Desenvolvido pela empresa estatal Rafael Advanced Defense Systems Ltd., o escudo aéreo está em funcionamento desde 2011. O sistema foi criado para interceptar mísseis e foguetes de curto alcance disparados principalmente a partir da Faixa de Gaza e do sul do Líbano — regiões sob actuação de grupos considerados terroristas como o Hamas e o Hezbollah.

Como funciona o sistema?

O Domo de Ferro é composto por três partes que operam em conjunto em frações de segundo. Primeiro, um radar detecta o lançamento de projéteis. Em seguida, um sistema de comando e controle analisa a trajectória e avalia se o alvo representa risco real — ou seja, se cairá em áreas habitadas. Caso a ameaça seja confirmada, um míssil interceptador do tipo Tamir é lançado para explodir o foguete inimigo ainda no ar, antes que ele atinja o solo. O alcance da tecnologia varia entre 4 e 70 quilômetros, permitindo a cobertura de regiões estratégicas e densamente povoadas. Ao menos dez baterias estão espalhadas por pontos-chave do território israelense, garantindo vigilância constante.

Segundo dados oficiais das Forças de Defesa de Israel (IDF, na sigla em inglês), o sistema tem uma taxa de sucesso próxima de 90% quando se trata de ameaças reais — ou seja, mísseis destinados a zonas civis.

O tempo de resposta é extremamente curto: em questão de segundos após a detecção, o Domo de Ferro é capaz de interceptar projéteis em pleno voo. Esse desempenho fez do sistema um símbolo da capacidade defensiva israelense.

Além do Domo de Ferro, Israel conta com um sistema integrado de defesa antimíssil, composto por várias camadas de protecção, cada uma projectada para neutralizar ameaças em diferentes altitudes e alcances. Entre os principais sistemas estão:

Estilingue de David,

O Estilingue de David (David's Sling, na sigla em inglês) é um sistema de defesa antimíssil projectado para neutralizar ameaças intermediárias que escapam ao escopo de outros sistemas israelenses. Especializado em interceptar mísseis balísticos de médio alcance, mísseis de cruzeiro e foguetes táticos avançados, ele opera em uma faixa de até 300 km, preenchendo uma lacuna entre o Domo de Ferro.

Arrow 2,

O Seta 2 (em inglês: Arrow 2) foi o primeiro grande sistema israelense voltado especificamente para a defesa antimíssil. Desenvolvido em parceria com os Estados Unidos, ele é voltado para a interceptação de mísseis inimigos enquanto ainda estão na fase final de reentrada atmosférica, antes de atingirem o alvo. Utilizando radares avançados, essa defesa identifica a trajectória da ameaça e lança interceptores, que explodem perto do alvo para neutralizá-lo.

Arrow 3,

Como o sistema mais avançado do arsenal defensivo israelense, o Seta 3 (Arrow 3) eleva a protecção antimíssil. Especializado em neutralizar mísseis balísticos intercontinentais e ogivas nucleares, opera interceptando ameaças que vêm do espaço antes que iniciem sua reentrada na atmosfera terrestre. **Fonte-IG Brasil.**

Reino Unido nomeia Blaise Metreweli, primeira mulher chefe do serviço de espionagem



Esta imagem sem data divulgada pelo Ministério das Relações Exteriores do Reino Unido mostra a nova chefe do MI6, Blaise Metreweli.

O governo do Reino Unido nomeou Blaise Metreweli como a primeira mulher a chefiar seu serviço de espionagem MI6, já que o país enfrenta "ameaças em uma escala sem precedentes", anunciou ontem o Primeiro-ministro Keir Starmer. O Serviço Secreto de Inteligência do MI6 (SIS) alcançou fama global através do agente fictício de Ian Fleming, James Bond.

Metreweli será a 18^a chefe do serviço, disse o escritório de Starmer em Downing Street em um comunicado. "A nomeação histórica de Blaise Metreweli ocorre em um momento em que o trabalho de nossos serviços de inteligência nunca foi tão vital", disse Starmer.

"O Reino Unido está enfrentando ameaças em uma escala sem precedentes – sejam agressores que enviam seus navios espiões para nossas águas ou hackers cujas sofisticadas conspirações cibernéticas buscam interromper nossos serviços públicos", acrescentou. A chefe do MI6 é a única publicamente nomeada da organização e se reporta directamente ao ministro das Relações Exteriores. A pessoa no post é chamada de "C" - não "M" como na franquia James Bond, que já tinha uma mulher, interpretada por Judi Dench, no papel. Metreweli substituirá o chefe do MI6, Richard Moore, no outono. Actualmente, ela é a directora-geral do MI6 - conhecida como "Q" - com responsabilidade pela tecnologia e inovação no serviço, disse o comunicado. Ela é descrita como uma oficial de inteligência de carreira que ingressou no serviço em 1999, tendo estudado antropologia na Universidade de Cambridge. Metreweli ocupou cargos seniores no MI6 e no serviço de inteligência doméstica MI5 e passou a maior parte de sua carreira em "funções operacionais no Médio Oriente e na Europa", acrescentou o comunicado, sem dar mais detalhes biográficos. A nomeação ocorre mais de três décadas depois que o MI5 nomeou sua primeira chefe mulher. **Fonte-Reuters.**

As implicações regionais da escalada das tensões Irão-Israel



DR. ABDULAZIZ SAGER

15 de Junho de 2025



Fumaça pesada e fogo sobem de uma refinaria de petróleo no sul de Teerão depois de ter sido atingida durante a noite por Israel, em 15 de junho de 2025.

Os novos ataques militares israelenses contra alvos iranianos não pegaram muitos de surpresa. Israel tem sido intransigente na aplicação de uma política de enriquecimento de urânio zero e até mesmo nuclear zero para o Irão - um objectivo que está no centro de sua doutrina de segurança nacional. Apesar de várias rondas de negociações EUA-Irão, incluindo a quinta ronda do mês passado, que terminou sem progresso, o Irão não cedeu neste ponto crítico. O presidente dos EUA, Donald Trump, afirmou que o Irão deveria chegar a um acordo dentro de 60 dias. Agora, mais de 60 dias se passaram sem um acordo, em grande parte devido à relutância de Teerão em abandonar seu programa nuclear, ou pelo menos reduzir o enriquecimento e aceitar uma supervisão mais rigorosa.

Embora as acções de Israel fossem esperadas, dadas as linhas vermelhas declaradas, o que levantou sobrancelhas é a aparente contradição na posição americana. O governo dos EUA declarou oficialmente que não apoia uma nova escalada militar na região. No entanto, agora está claro que Washington foi totalmente informado antes do ataque israelense e a liderança israelense foi capaz de garantir uma luz verde e um compromisso claro de apoio dos EUA. Essa contradição levantou questões sobre se os Estados Unidos aprovaram tacitamente a operação, ou mesmo a encorajaram, e participaram do plano de engano que enganou o cálculo iraniano, apesar das alegações públicas em contrário.

O Irão há muito se gaba de sua força militar e capacidade de deter ameaças e retaliar contra elas. A segunda questão-chave, portanto, é até onde o Irão está

preparado para ir na escalada do confronto e tem a capacidade de sustentar um conflito de alta intensidade? Embora Israel possa continuar atacando activos iranianos, fazê-lo em escala requer o apoio americano no compartilhamento de inteligência, reabastecimento de munições e apoio diplomático.

O Irão ainda tem ferramentas à sua disposição. Uma das mais perigosas seria um retorno à guerra assimétrica e operações secretas, semelhantes às táticas usadas na década de 1980, quando grupos ligados ao Irão atacaram interesses americanos e israelenses em toda a região. Este cenário não é hipotético - é uma das razões pelas quais Israel fechou temporariamente embaixadas consideradas em risco de represália.

Houve discussões sobre se a Rússia poderia desempenhar um papel de mediação assumindo a custódia do urânio enriquecido como uma medida de construção de confiança. Embora o Irão possa ver isso como uma forma de manter sua influência, nem os EUA nem Israel provavelmente apoiarão qualquer acordo que permita a Teerão preservar o controle sobre seu considerável estoque de urânio altamente enriquecido, que acumulou ilegalmente nos últimos anos.

Os estados árabes do Golfo se encontram em uma posição altamente precária. Geograficamente e economicamente ligados ao Irão, eles são profundamente vulneráveis às consequências da escalada das tensões. Sua principal prioridade é evitar ser arrastado para o conflito, seja como um campo de batalha ou como um alvo indireto de retaliação. Uma guerra regional representaria graves riscos para a segurança de seus territórios e populações, infraestrutura crítica e prosperidade econômica.

Assim, além da questão fundamental da segurança, há também profundas implicações para a prosperidade e o desenvolvimento econômico. As economias do Golfo estão fundamentalmente ligadas à estabilidade, rotas comerciais abertas e confiança dos investidores, e qualquer interrupção, seja de ataques ou ameaças à infraestrutura de energia, pode ter imensas repercussões.

Os estados do Golfo têm mantido consistentemente uma política de neutralidade e não interferência, buscando equilibrar as relações com o Irão, Israel e os EUA. Eles condenaram o envolvimento do Irão nos assuntos árabes e suas ambições de domínio regional, ao mesmo tempo em que rejeitaram o uso da força por Israel e seu desrespeito às normas internacionais. Da mesma forma, eles se opõem às políticas dos EUA que violam o direito internacional, particularmente aquelas que parecem permitir uma nova escalada. A posição diplomática do Golfo está enraizada em um apelo de princípio ao respeito pela soberania, não agressão e adesão ao direito internacional e aos direitos humanos.

Com o conflito agora em transição para um confronto militar mais amplo, o equilíbrio de poder se torna o factor determinante. A esse respeito, a aliança israelense-americana detém uma superioridade esmagadora em termos de poder de fogo, capacidades de inteligência e profundidade estratégica. O Irão, sob crescente pressão interna e externa, está mostrando sinais de fadiga e desgaste. Isso levanta uma terceira questão crítica: a liderança do Irão aceitará as realidades de sua desvantagem e avançará em direcção à desescalada? Ou continuará por um caminho que pode levar a mais destruição, isolamento e colapso interno?

Nas próximas semanas, a resposta às perguntas feitas acima não apenas moldará o futuro do Irão, mas também definirá os contornos da estabilidade regional. Para os estados do Golfo, o imperativo permanece: ficar fora do fogo cruzado, salvaguardar a segurança nacional e defender as normas de legitimidade internacional que oferecem o único caminho sustentável para sair desta crise.

O Dr. Abdulaziz Sager, é o presidente do Centro de Pesquisa do Golfo.

Isenção de responsabilidade: A opinião expressa pelo escritor nesta sessão, é própria e não reflecte necessariamente o ponto de vista do **Arab News**.